

***Oriki* em salas de aula da cidade de São Paulo**

***Oriki* in classrooms at Sao Paulo City**

***Oriki* dans les classes de la ville de São Paulo**

Ivan da Silva **POLI**

RESUMO

O depoimento presente trata da experiência de transposição didática de Ivan da Silva Poli e as dificuldades que enfrentou para concretizar o projeto de oficina de *Orikis*, sugestão de atividade no sentido do cumprimento da lei 10639/2003.

Palavras-chave: *Oriki*, Lei 10639/2003, Cultura afro brasileira

ABSTRACT

This is a report about the process of didactic transposition carried by Ivan da Silva Poli and also about his difficulties in this work of concretization of the project of workshop of *Orikis*, a suggestion of activity for contributing with the law 10639/2003.

Index terms: *Oriki*, Law 10639/2003, Afro-Brazilian Culture.

RÉSUMÉ

Ce témoignage parle de l'expérience dans le procès de transposition didactique d'Ivan da Silva Poli ainsi que les difficultés rencontrées pour la réalisation de son projet de workshop d'*Orikis*. Ce workshop s'agit d'une suggestion d'activité dans le sens de l'accomplissement de la loi 10639/2003.

Mots-clés: *Oriki*, Loi 10639/2003, Culture Afro- Brésilienne.

Tudo correu satisfatoriamente neste processo de transposição didática a partir do qual desenvolvi uma aula baseada na cultura africana da oralidade presente no Brasil.

Foi difícil escolher um tema dentre os possíveis e admito a dúvida que tive entre falar sobre oralidade ou do *Kathakali* de Goa, onde estive há 11 anos. Contudo, o tema “oralidade e Brasil”, em se tratando de países lusófonos, hoje em dia, para mim, é muito mais latente do que outros temas.

Assim, escolhi falar das atividades didáticas que desenvolvi sobre o Brasil com um enfoque em culturas ancestralmente africanas, especificamente, seus gêneros literários da oralidade, nos quais o *oriki* - de origem inicialmente *yorubá* - foi o gênero que mais se incorporou à cultura brasileira, sobretudo se tomarmos em conta as músicas de autores baianos como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Dorival Caymmi, Carlinhos Brown, Geronimo e até mesmo não baianos, como Marisa Monte que gravou uma música no formato de *oriki* (Maria de Verdade). Da mesma forma, destaco que este gênero épico da literatura oral *yorubana* deu origem a diversas cantigas regionais, sobretudo na Bahia e no Maranhão incorporando-se aos saberes populares brasileiros.

Muitos destes *orikis*, mesmo produzidos no Brasil, foram originalmente produzidos em *yorubá*, contudo, sua forma mais popular está já em língua portuguesa, como por exemplo, a Oração pra Xangô ou cantigas para Oxum e Yansã que acabaram por dar origem a canções popularmente conhecidas na Bahia e que originalmente foram produzidas em língua lusa.

O que mais me animou neste trabalho de transposição didática foi a possibilidade de tratar de um tema extremamente discriminado em nossa grade

curricular, apesar de haver leis que tentam garantir seu espaço na rede de ensino nacional.

Achei que encontraria dificuldades muito grandes para falar do tema, tendo em vista o contato inicial que tive com professores da escola na qual fiz meu estágio, pois, em grande parte, eles desconheciam totalmente o assunto, mesmo os afro-descendentes, e, por incrível que pareça, a melhor acolhida para o tema não foi de uma professora afro-descendente. Ela, Anita, dispôs-se a me ajudar e teve um trabalho também voltado para cultura africana e indígena em sua matéria: português.

Dentre os outros professores, muitos chegaram até a me questionar quanto à importância da introdução deste tipo de elemento cultural no currículo escolar do ensino médio, justificando que nossa cultura é predominantemente européia e que estes elementos não são cobrados nos vestibulares das mais reputadas instituições de ensino do país. Disse-lhes, então, que segundo estudos de etnólogos, somos um povo de 87% de afro-descendentes, apesar de 48% destes se declararem como brancos por terem a pele clara, o que, de qualquer forma, é uma realidade extremamente diferente da de outros países, como os Estados Unidos no qual não há um número considerável de afro-descendentes entre a população de pele branca, situação que nos torna mais próximos das culturas africanas independente de nossas cores de pele.

Nas aulas que observei, notei um grande esforço da professora em passar o conteúdo básico de sua matéria para classes extremamente indisciplinadas.

No dia da minha aula, estava apreensivo e ansioso, apesar de ter sido acalmado pela professora Anita. Mesmo assim, no geral, não tive problemas com a maioria das classes nas quais ministrei a proposta e passei o vídeo sobre *orikis*, com exceção de alguns alunos, protestantes radicais, que afirmaram que eu estava falando coisas do “demônio” [sic] somente por tratar de mitos africanos. Acompanhando o raciocínio destes alunos, falar de Hércules, Vênus, Júpiter e Zeus também são coisas do demônio. Será que eles também contestariam este conteúdo grego?

Enquanto as tradições africanas estiverem sendo vistas somente no plano da religião, e isto ocorrerá muito ainda e eu não tenho dúvida, tais indagações ainda persistirão. No caso acima descrito, explicitiei aos alunos que me questionaram que poderiam sair da minha exposição, sem prejuízo da presença, caso não se sentissem bem em escutar o que eu tinha para dizer e assim, dos 100 alunos participantes deste trabalho, apenas três saíram do recinto o que deixou o auditório na mais perfeita ordem até o final da discussão.

Senti, a partir daí, um grande interesse por parte dos alunos que permaneceram e que eram a maioria esmagadora e um grande empenho em discutir o tema e preparar os *orikis*.

De forma geral, todos se divertiram bastante com a dinâmica de *orikis*¹ e muitos alunos, que não viriam à segunda aula, pediram dispensa para seus professores para assistir à minha aula, que foi aplaudida ao final, para minha surpresa, ainda mais em se tratando de classes tão indisciplinadas.

¹ Para maiores informações sobre o assunto, entrar em contato com o autor.

Mesmo os alunos indisciplinados gostaram do meu trabalho, sobretudo da dinâmica para construção dos *orikis* e me prometeram entregar uma resenha sobre o filme e um *oriki* até o final do semestre.

Devo voltar lá em breve para terminar este trabalho, pois prometi que iria comentar os *orikis* que cada um construísse em classe, o que todos gostaram muito e pelo qual já fui cobrado quando os encontrei na rua.

Em resumo, foi uma experiência muito positiva que desejo repetir em outras ocasiões.

Autor

Ivan da Silva Poli

Graduando em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, onde desenvolve um trabalho de iniciação científica baseado na educação Oriental, orientado por Nilce da Silva. Seu trabalho se iniciou em multinacionais francesas na área de formação profissional em automação e transporte aéreo, o que o possibilitou a entrar em contato com experiências pedagógicas durante nove anos com culturas sul e norte americanas, africanas, européias e asiáticas, além do grande contato com a cultura afro brasileira em especial.

Contato: ivan.poli@usp.br

Como citar este depoimento:

POLI, Ivan da Silva. *Oriki em salas de aula da cidade de São Paulo*. Revista ACOALFAPlp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 3, n. 6, 2009. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>. Publicado em: março 2009.

Recebido em julho de 2008/ Aprovado em agosto de 2008

Sede da Edição: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – Av da Universidade, 308 - Bloco A, sala 111 – São Paulo – SP – Brasil – CEP 05508-040. Grupo de pesquisa: Acolhendo Alunos em situação de exclusão social e escolar: o papel da instituição escolar.

Parceria: Centro de Recursos em Educação Não-Formal de Jovens e Adultos – CRENF – FacEd – UEM – Prédio da Faculdade de Letras e Ciências Sociais – Segundo Piso - Gabinete 303 – Campus Universitário Maputo, Moçambique, África

Março – Agosto de 2009 – Ano III – Nº. 006